

Pesquisas em andamento

ODA, Ana Maria Galdini Raimundo e DENIS, Adrián López. Geofagia e escravidão no mundo atlântico (séculos XVIII e XIX)

A geofagia (ingestão habitual e deliberada de terra ou argila) é uma prática relativamente comum entre vários grupos de animais, incluídos os seres humanos. Existe suficiente evidência arqueológica para demonstrar que este comportamento esteve presente em quase todas as latitudes, desde os tempos pré-históricos. Entre os especialistas no tema (antropólogos, geólogos, médicos, biólogos, etc.) emerge o consenso sobre o caráter múltiplo das causas da geofagia: esta prática parece estar relacionada com a satisfação de uma combinação de necessidades de ordem nutricional, espiritual, curativa, psicológica e psicopatológica. Dependendo de convenções culturais historicamente determinadas, diferentes manifestações da geofagia foram descritas como um problema a solucionar, como sintomas de outros problemas ou de carências orgânicas mais profundas, ou como parte do arsenal legítimo de comportamentos paliativos, compensatórios ou curativos disponíveis em cada sociedade. Estas descrições, amiúde superpostas, constituem em si mesmas um riquíssimo arquivo da história cultural e social da geofagia, ao longo dos séculos.

Iniciada em 2009, nossa pesquisa se baseia na análise da literatura sobre a relação entre geofagia e escravidão, literatura que foi em grande parte produzida durante os séculos dezoito e dezenove, no seio de sociedades marcadas pela presença do trabalho escravo. Geralmente, estes documentos estabelecem de maneira mais ou menos direta a conexão entre geofagia e enfermidades físicas e morais potencialmente letais, como a nostalgia dos negros cativos e a moléstia conhecida como “mal de estômago” (mal d'estomac).

Em cada caso, o contexto imediato no qual os autores escreveram os textos determinou seu caráter e seu tom. Neste sentido, cada um deles se insere em complexas narrativas locais sobre a relação entre práticas subalternas e poderes hegemônicos. Ao mesmo tempo, a literatura sobre a relação entre geofagia e escravidão constitui um vasto universo de referências cruzadas; por exemplo, textos produzidos no Brasil estabelecem um diálogo com materiais publicados nos Estados Unidos ou com descrições provenientes das Antilhas espanholas, e ensaios escritos em meados do século dezenove em uma cidade norte-americana discutem casos de geofagia reportados em finais do século dezoito por cirurgiões ingleses ou franceses residentes nas plantações açucareiras do Caribe. Deste ponto de vista, cada um dos documentos pode ser analisado como um nó na rede de conexões referenciais mediante as quais se gerou a metanarrativa básica sobre a relação entre geofagia e escravidão no mundo atlântico.

Geofagia y esclavitud en el mundo atlántico (siglos XVIII y XIX)

La geofagia (la ingestión habitual y deliberada de tierra o arcilla) es una práctica relativamente común entre varios grupos de animales, incluidos los seres humanos. Existe suficiente evidencia arqueológica para demostrar que este comportamiento ha estado presente en casi todas las latitudes desde tiempos prehistóricos. Entre los especialistas en el tema (antropólogos, geólogos, médicos, biólogos, etc.) emerge un consenso sobre el carácter múltiple de las causas de la geofagia: esta práctica parece estar relacionada con la satisfacción de una combinación de necesidades de orden nutricional, espiritual, curativo, psicológico y psicopatológico. Dependiendo de convenciones culturales históricamente determinadas, diferentes manifestaciones de la geofagia han sido descritas como problemas que deben ser resueltos, como síntomas de otros problemas o carencias orgánicas más profundas, o como parte del arsenal legítimo de comportamientos paliativos, compensatorios o curativos disponibles en cada sociedad. Estas descripciones, a menudo superpuestas, constituyen en sí mismas un riquísimo archivo de la historia cultural y social de la geofagia, a lo largo de los siglos.

Principiada en 2009, nuestra investigación se basa en el análisis de la literatura sobre la relación entre geofagia y esclavitud, literatura que fue en gran parte producida durante los siglos dieciocho y diecinueve, en el seno de sociedades marcadas por la presencia del trabajo esclavo. Generalmente, estos documentos establecen de manera más o menos directa la conexión entre geofagia y enfermedades físicas y morales potencialmente letales, como la nostalgia de los negros cautivos y la dolencia conocida como “mal de estómago” (mal d'estomac).

En cada caso, el contexto inmediato en el cual los autores escribieron los textos determinó su carácter y su tono. En este sentido, cada uno de ellos se inserta en complejas narrativas locales sobre la relación entre prácticas subalternas y poderes hegemónicos. Al mismo tiempo, la literatura sobre la relación entre geofagia y esclavitud constituye un vasto universo de referencias cruzadas; por ejemplo, textos producidos en Brasil establecen un diálogo con materiales publicados en los Estados Unidos o con descripciones provenientes de las Antillas españolas, y ensayos escritos a mediados del siglo diecinueve en una ciudad norteamericana discuten casos de geofagia reportados a finales del siglo dieciocho por cirujanos ingleses o franceses residentes en las plantaciones azucareras del Caribe. Desde este punto de vista, cada uno de los documentos

puede ser analizado como un nodo en la red de conexiones referenciales mediante las cuales se generó la metanarrativa básica sobre la relación entre geofagia y esclavitud en el mundo atlántico.